



# AO FINDAR A BRINCADEIRA, O QUE REVELAM OS DADOS DO ALiB SOBRE ÁREAS DIALETAIS?

---

AT THE END OF A GAME, WHAT REVEAL THE ALiB DATA ON DIALECTAL AREAS?

Leandro Almeida dos Santos<sup>1</sup>  
*Universidade Federal da Bahia (UFBA)*

**Resumo:** Neste artigo são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB - para a questão 161 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos acerca do tema em questão; b) formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhantes, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016), os quais se utilizaram dos dados do ALiB, em especial, o campo semântico dos jogos e diversões infantis, no intuito de testar, hoje, com base em dados empíricos, a divisão dialetal brasileira, datada de 1953. As análises buscam identificar os itens encontrados nas elocuições dos informantes e verificar o que essas escolhas revelam, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho, catalogar a diversidade lexical da língua falada no país, em busca de oferecer, se possível, um traçado atual dos limites dos falares brasileiros, embora seja uma tarefa árdua, mas que vem sendo perseguida pelos dialetólogos do país.

---

<sup>1</sup> [leoufbalettras@yahoo.com.br](mailto:leoufbalettras@yahoo.com.br).

---

**Palavras-chave:** áreas dialetais; jogos e brincadeiras; léxico.

**Abstract:** *This article presents some aspects on delimitation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of informants Linguistic Atlas of Brazil - ALiB - to question 161 of Semantic-Lexical Questionnaire ALiB, "What do you call the game in which a child, blindfolded, try to get the other" (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). The methodology used was marked: a) reading of theoretical texts on the subject in question; b) formation of the corpus; c) corpus analysis in order to identify the diatopic variation from the comparison with similar studies, namely: Ribeiro (2012), Portillo (2013) and Santos (2016), which are used for ALiB data, in particular, the semantic field of games and children's entertainment, in order to test today, based on empirical data, the Brazilian dialectal division, dated 1953. The analysis sought to identify the items found in the utterances of informants and see what these choices reveal in order to determine the vitality of dialectal division springs (1953). It is worth mentioning the contribution of work, cataloging the lexical diversity of spoken language in the country, seeking to provide, if possible, a current tracing the limits of Brazilian dialects, although it is an arduous task, but that is being pursued by Brazilian dialectologists.*

**Keywords:** *dialectal areas; games and activities; lexicon.*

## INTRODUÇÃO

O artigo apresenta uma análise sobre a proposta de divisão dialetal do Brasil de Nascentes (1953), a partir dos resultados obtidos para a pergunta "Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?" (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34), pertencente ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Para o intento, optou-se por fazer um cotejo com estudos que utilizaram a mesma pergunta, a fim de verificar a vitalidade da referida proposta, embora em áreas diferentes, a saber: Ribeiro (2012) – Falar Baiano; Portillo (2013) – Falar Amazônico e, por fim, Santos (2016) – Falar Fluminense.

O estudo em questão justifica-se pela necessidade de aprofundamento nos estudos sobre áreas dialetais brasileiras, sobretudo no tocante às áreas investigadas, por meio do reconhecimento e caracterização, e por fornecer aos pesquisadores de várias áreas do saber informações linguísticas e sociais, além de oferecer materiais para o aprimoramento dos livros didáticos e para o tratamento da variação e mudança linguística no ambiente escolar.

Objetiva-se oferecer aos dialetólogos brasileiros algumas notícias sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares brasileiros, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação dos falares. Para tal, este estudo vincula-se aos princípios da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana, pois acredita-se que a língua é sucessível à variação e à mudança,

portanto, entende-se que tais processos não são aleatórios, mas são condicionados aos fatores intra e extra linguísticos, de modo ordenado.

Inserido no âmbito das pesquisas desenvolvidas a partir do banco de dados do ALiB, considerando a riqueza do léxico e as influências diversas, sobretudo históricas, que, de certo modo, moldam essa constituição do arsenal linguístico disponível em solo brasileiro.

Vale resaltar que, a fim de cumprir os intentos desse estudo, reconhece-se, de fato, a pluralidade do Português Brasileiro, sobretudo quando se observa o contexto em que foi disseminada e implantada a língua portuguesa. Desse modo, evidencia-se que são necessários outros estudos para explicitar a atual faceta dialetal brasileira.

## 1 ÁREAS DIALETAIS BRASILEIRAS

No âmbito da Geolinguística Brasileira, contam-se várias propostas de divisão dialetal, estudos importantes e que deram subsídios para a divisão a qual é estudada até os dias atuais, em 1953, de autoria de Antenor Nascentes. No entanto, antes da referida proposição, Nascentes (1953) examina as outras propostas de divisão e as descarta. Seguem abaixo, conforme figuras 1 e 2, as proposições de Nascentes.

- a) Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1922.

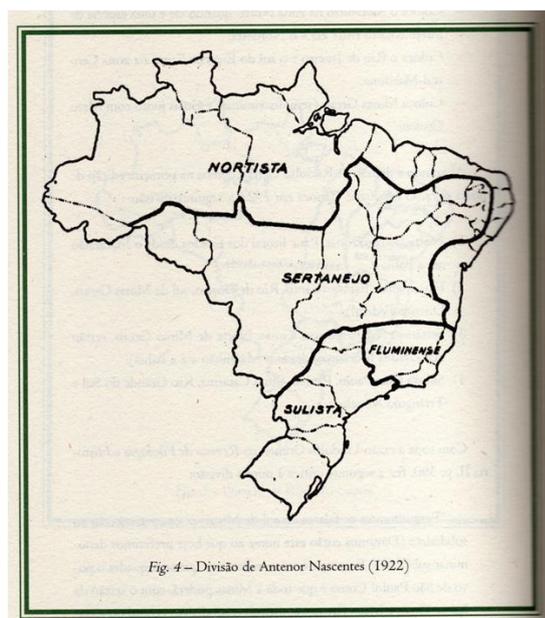


Figura 1 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698).

Levando em consideração a divisão de Rodolfo Garcia, na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, Antenor Nascentes apresenta uma proposta, divide o Brasil em: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista. A proposta de Nascentes também recebe críticas de geógrafos e historiadores, as quais ele as considera, por vezes, as refuta. Após acatar as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, em 1933, Nascentes decide reorganizar, desse modo, propondo uma nova divisão dialetal.

Assim sendo, destaca-se a nova proposta do referido autor, em 1922, reelaborada em 1953, publicada na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

Tal divisão foi baseada em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, conforme figura 1:

b) Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1953.

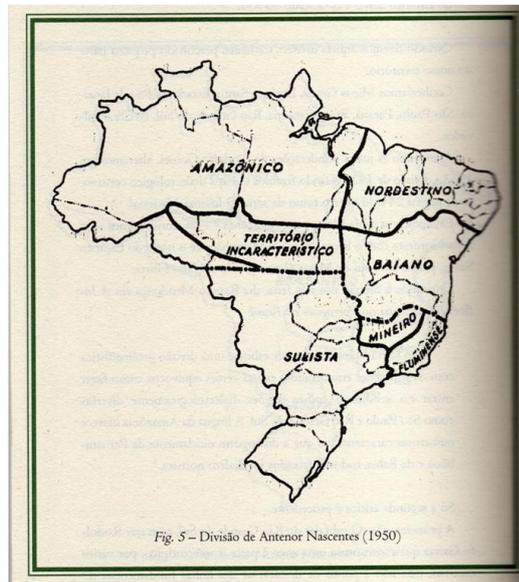


Figura 2 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)  
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e

Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território que nomeou de incharacterístico. A divisão de Nascentes (1953) tornou-se referência basilar para inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, com os mais diversos interesses, mas, sobretudo, “pela delimitação de áreas dialetais.” (MOTA, 2006, p.321).

Acredita-se que há necessidade de uma nova proposição, porém com base em dados empíricos, é o que vem sendo alvo de pesquisa da Dialectologia no Brasil, pois:

[...] passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil. (RIBEIRO, 2012, p. 79)

Citem-se, com isso, trabalhos que aludem às áreas dialetais brasileiras. É salutar trazer as considerações feitas por Zágari (2005), pois, contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do EALMG<sup>2</sup>, o autor estabelece três falares em Minas Gerais – baiano; paulista e mineiro, conforme figura 6.

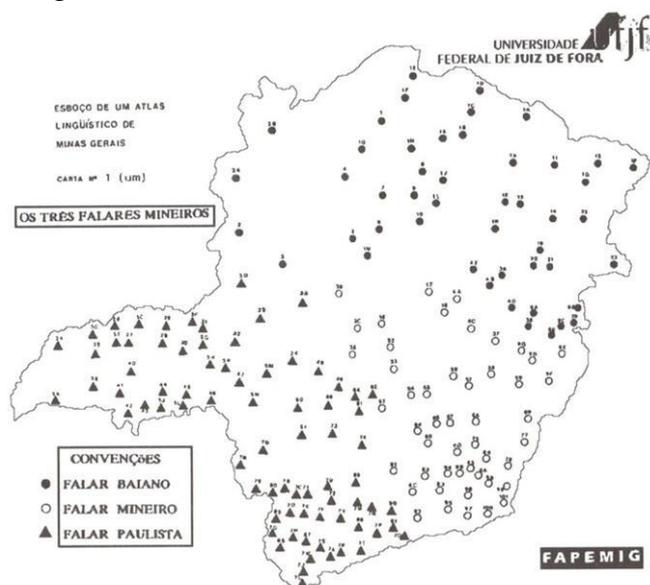


Figura 6 – Divisão dialetal de Minas Gerais  
Fonte: ZÁGARI (2005, p. 64)

<sup>2</sup> Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais.

---

Persistindo nos trabalhos que aludem aos limites dos falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutoramento, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do falar Baiano, utilizando as respostas de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreende 11 estados, distribuídos em quatro regiões país. A autora, ao concluir o trabalho afirma que:

A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade na unidade*. (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Para tal, foram utilizadas as 13 questões do campo semântico jogos e diversões infantis do Questionário Semântico-Lexical, conforme detalhamento a seguir:

**155** – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (*Mímica*). **156** – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar? **157** – Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho? (*Mostrar gravura*). **158** – Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? **159** – E um brinquedo parecido com o \_\_\_\_ (*cf. item 158*) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha? **160** – Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? **161** – Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? **162** – Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado? **163** – Como se chama esse ponto combinado? **164** – Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? **165** – Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*). **166** – Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*). **167** – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA. ? (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34-35) {grifos nossos}

---

Portilho (2013), ao selecionar o mesmo campo semântico investigado por Ribeiro (2012), por meio da pesquisa de mestrado, busca atestar a vitalidade de outra área dialetal, o Falar Amazônico. Conforme ideias da autora,

Pelo exposto, pode-se afirmar que, apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil. [...] Estudos mais amplos envolvendo as demais áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) poderão ratificar ou retificar as conclusões obtidas a partir dos dados lexicais examinados. (p.138-139).

Para a pesquisa, foram escolhidas 20 localidades, pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle<sup>3</sup>. A autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica.<sup>4</sup>

Cita-se, ainda, neste contexto, a dissertação de Santos (2016) que teve a mesma linha de abordagem que Ribeiro (2012) e Portilho (2013), o mesmo campo semântico, jogos e diversões infantis, com o objetivo de testar a área denominada como o Falar Fluminense, intitulada Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense. Foram utilizadas as respostas de 152 informantes, oriundos das 35 localidades. A área denominada como Falar Fluminense por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Ao finalizar as análises sobre a área investigada, Santos (2016) afirma que:

É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao cotejar os dados das pesquisas alibianas (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. (SANTOS, 2016, p. 189-190).

---

<sup>3</sup> Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

<sup>4</sup> Vale destacar a tese de Romano (2015), que também utilizou os dados do ALiB, a fim de testar os limites do Falar Sulista, utilizando questões diversas do Questionário do ALiB.

---

Neste artigo, optou-se por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com o objetivo de fornecer subsídios para o (re) conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, utilizando os dados do Projeto ALiB, em especial, àqueles que examinaram a questão 161 do QSL, pertencente ao campo semântico jogos e diversões infantis<sup>5</sup>.

## 2 O CORPORA

Os dados, para este estudo, foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do ALiB, Ribeiro (2012), Portilho (2013) e, por fim, Santos (2016), os quais utilizaram o campo semântico dos jogos e diversões infantis, em especial, a questão analisada neste estudo, 161 do QSL, “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34). Em seguida, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a brincadeira em questão, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada área estudada e se tais itens são reveladores de aspectos dialetais.

Vale mencionar que tais estudos utilizaram o banco de dados do ALiB, com base nos princípios fundamentais da Geolinguística contemporânea. Deste modo, os informantes estão estratificados e distribuídos equitativamente por a) duas faixas etárias — faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) — b) pelos dois sexos, e de escolaridade — fundamental e universitário, sendo 08 informantes nas capitais e 04 informantes nas localidades interioranas<sup>6</sup>, nativos das suas respectivas localidades.

Assim sendo, vale ressaltar que as entrevistas realizadas pela equipe do ALiB consistem na aplicação de questionários padrões, sistemáticos e uniformes, que estão reunidos no Questionário ALiB (2001), o qual é composto por alguns subgrupos, a saber: QFF – Questionário Fonético-Fonológico (159 com mais 11 de prosódia); QSL – Questionário Semântico-Lexical (202); QMS – Questionário Morfossintático (49); QP – Questão de Pragmática (04); TDS – Temas para Discurso Semi-dirigido (04); PM – Perguntas Metalinguísticas (06); LE – Texto para Leitura (Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado).

---

<sup>5</sup> Torna-se imprescindível destacar a importância dos estudos sobre o campo semântico dos jogos e diversões infantis do QSL – ALiB, pois eles podem fornecer um traçado dialetal do país, podendo confirmar as proposições de Nascentes (1953), na atualidade.

<sup>6</sup> Nas cidades do interior, os informantes são do nível fundamental.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

“Como se chama uma brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34) QSL, número 161, pergunta que busca apurar as denominações para uma brincadeira bastante popular e, por vezes, muito praticada na infância.

Ribeiro (2012) documentou, dentre outras, três formas mais produtivas, todas podem ser agrupadas no sema *cego-cega*, são elas: *cobra-cega*; *cabra-cega* e *gata-cega*, com 47,6%, 40,0% e 5,7%, respectivamente, conforme figura 7. Mas há que evidenciar alguns aspectos como, por exemplo: a) *gata-cega* ocorreu apenas nas localidades de Minas Gerais; b) há coocorrência das duas formas mais vitais nos estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo.

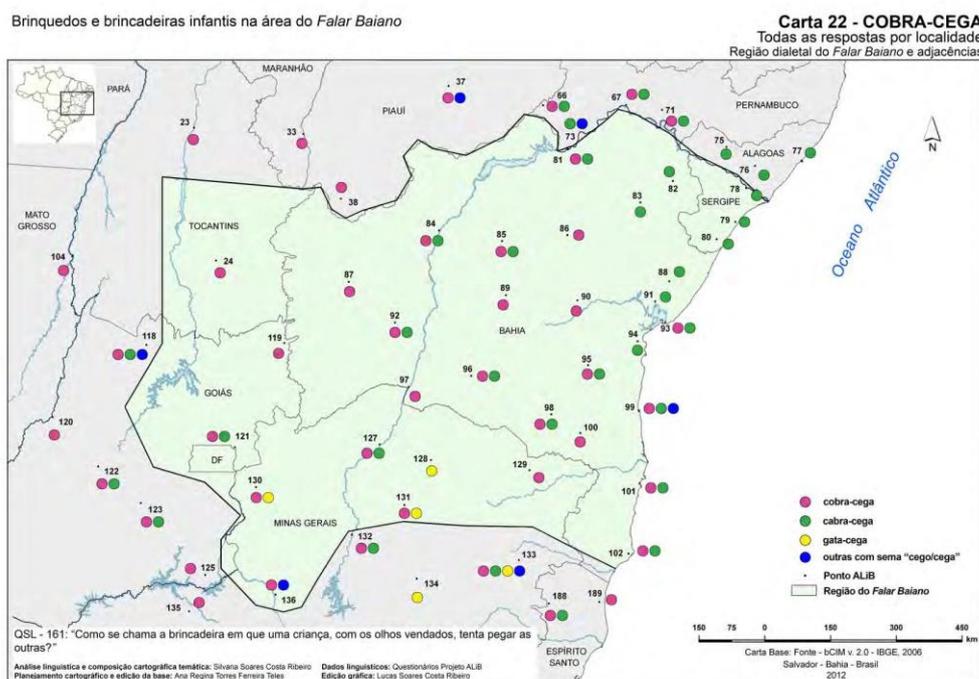


Figura 8 – Carta Cobra-cega no Falar Baiano  
Fonte: RIBEIRO (2012, p. 516).

Segundo o estudo de Portilho (2013), para as análises de um dos falares do norte, o amazônico, constata-se que a pergunta em foco motivou o registro de 09 unidades lexicais: *pata-cega* (58,2% das ocorrências), *cobra cega* (19,7%) e

*cabra cega* (17,2%) (PORTILHO, 2013, p.106), e 06 respostas únicas, conforme pode ser visto na figura 9.

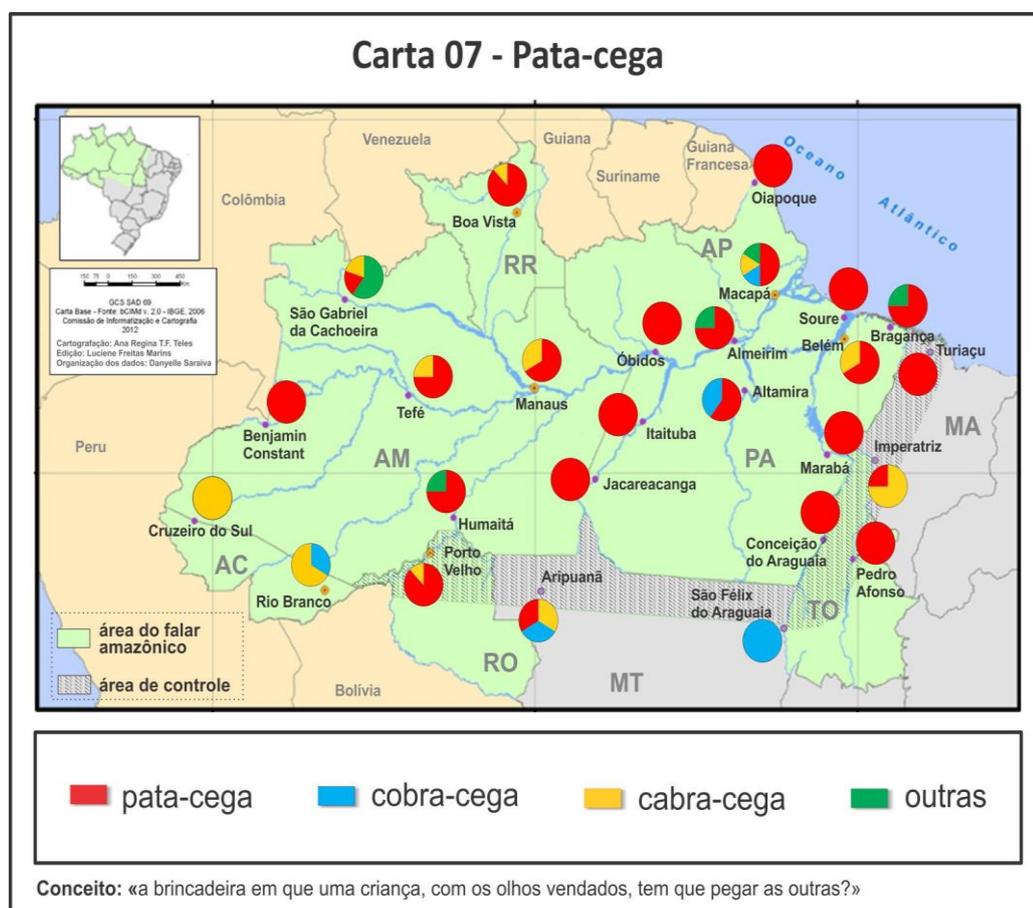


Figura 9: Carta Pata-cega no Falar Amazônico  
 Fonte: PORTILHO (2013, p. 107).

Conforme a produtividade dos itens, a resposta mais conhecida na área estudada foi cobra-cega, com 65,2%, obtendo um total absoluto de 88 ocorrências, em Santos (2016), conforme figura 10. A forma *cabra-cega* apresenta-se como a segunda mais conhecida, com 23,7%, seguida de *gata-cega*, com 8,1%, ao passo que, em outras formas, estão quatro formas, *brincar de cego*, *cobra-morta*; *tapa-cego* e *combater*. Nas análises gerais, foram documentadas, para essa questão, 156 respostas, 86,5%, sendo que 21 delas foram de NS/NL/NO<sup>7</sup>, o que perfaz um total de 13,5%. Desse modo, obteve-se um total de respostas válidas de 135 ocorrências.

<sup>7</sup> Não Sabe; Não Lembra e Não obtida, respectivamente.

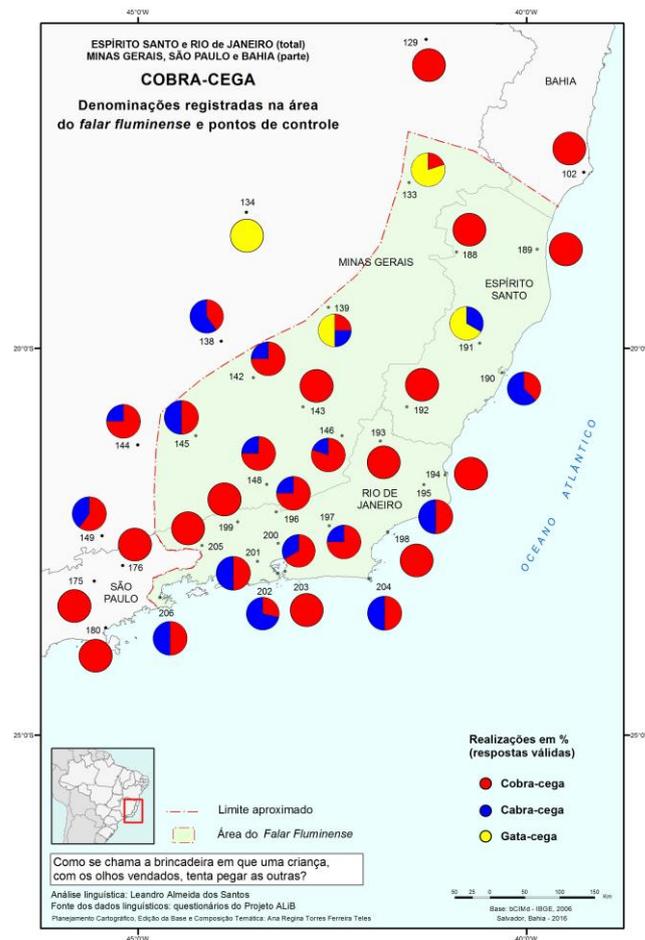


Figura 10: Carta Cobra-cega no Falar Fluminense  
 Fonte: SANTOS (2013, p. 145).

A partir dessas considerações, nota-se uma tendência de aproximação e unidade na área nomeada por falares do sul, haja vista a coincidência entre os resultados obtidos por Ribeiro (2012) e o estudo de Santos (2016), pois eles aproximam-se pelas lexias cobra-cega, cabra-cega e gata-cega. Evidencia-se, novamente, o Falar do norte, Amazônico, como uma área peculiar e com particularidades que a difere dos mencionados falares do sul, pois se difere pela documentação da forma pata-cega majoritariamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou oferecer notícias atuais sobre a difícil tarefa de delimitação de áreas dialetais brasileiras, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, sobretudo com vistas a testar, a proposta de

---

Nascentes (1953).

A partir das análises empreendidas neste artigo, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas sobre algumas áreas dialetais brasileiras: a) Os resultados mostram que, dentre as áreas analisadas, há um espaço comum entre os falares do Sul, ao passo que, no falar do Norte, há uma forma predominante, a pata-cega; b) Nota-se que o campo semântico jogos e diversões infantis vem sendo bastante utilizado para testar as fronteiras dialetais brasileiras, pode-se, hoje, com os dados atuais catalogados, ser feito um glossário, isto é, os dados fornecem subsídios para o trabalho dos lexicógrafos; c) Há várias formas de nomear a brincadeira em questão, tais como: *cobra-cega*, *cabra-cega*, *pata-cega*, *gata-cega*. Nota-se que os informantes utilizam a metáfora, sempre utilizando o nome de um animal mais a palavra *cega*.

É lícito afirmar, ainda, a importância de trabalhos desta natureza, uma vez que, ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, atualmente, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal para o Brasil, uma vez que a língua muda e reflete os processos culturais, históricos e sociais dos seus utentes.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Renato Pereira. *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos*. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários*. Londrina: UEL, 2001.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique*, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.

---

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953b.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobo; RIBEIRO, J. ; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - v. 1*. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobo. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). *A Geolingüística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.